

Entre aprender e permanecer: uma experiência de inclusão digital promovida por um grupo PET

**Laura Quevedo Jurgina, Tiago Duarte Mackedanz e
Leomar Soares da Rosa Júnior**

¹Universidade Federal de Pelotas - UFPel
R. Gomes Carneiro, 01 - Porto - CEP 96010-610, Pelotas - RS, Brasil

{lqjurgina, tdmackedanz, leomarjr}@inf.ufpel.edu.br

Abstract. *This article presents the experience of the course “Digital Inclusion and Diversity at UFPel,” promoted by the PET Computação group at the Federal University of Pelotas (UFPel), involving 16 undergraduate students in situations of socioeconomic vulnerability. The training initiative, structured through peer mediation, prior diagnostic assessment, and collaboratively produced materials, addressed technical content applied to academic routines, with emphasis on institutional platforms and digital tools. The results indicated an increase in participants’ autonomy and a stronger connection with the university environment. The experience confirms that, between learning and staying, digital literacy can be a powerful path for inclusion and permanence in higher education.*

Resumo. *Este artigo apresenta a experiência do curso “Inclusão Digital e Diversidade na UFPel”, promovido pelo PET Computação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com a participação de 16 estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica. A proposta formativa, estruturada por meio de mediação entre pares, diagnóstico prévio e materiais colaborativos, abordou conteúdos técnicos aplicados ao cotidiano acadêmico, com foco no uso de plataformas institucionais e ferramentas digitais. Os resultados indicaram ampliação da autonomia das participantes e fortalecimento do vínculo com o ambiente universitário. A experiência confirma que, entre aprender e permanecer, o letramento digital pode ser um caminho potente de inclusão e permanência no ensino superior.*

1. Introdução

A inclusão digital, entendida como o desenvolvimento de competências para o uso crítico e autônomo das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), constitui um componente estruturante das políticas públicas voltadas à justiça social e à equidade educacional [Cazeloto 2019]. A consolidação da sociedade em rede impôs novas exigências à participação cidadã e acadêmica, tornando o domínio de recursos digitais uma condição de permanência e sucesso no ensino superior.

Apesar dos avanços tecnológicos, a exclusão digital permanece como uma barreira à democratização do acesso à educação e aos serviços públicos. Dados do Comitê Gestor

da Internet no Brasil (CGI.br) indicam que, em 2023, cerca de 7,5% dos domicílios brasileiros ainda não possuíam acesso à internet, número que atinge 19% entre as famílias das classes D e E [CGI.br 2023]. As desigualdades são mais pronunciadas nas regiões Norte e Nordeste, refletindo limitações estruturais que impactam diretamente o processo educativo.

Determinados segmentos da população universitária enfrentam obstáculos específicos relacionados ao uso das TDICs. Estudantes que ingressam por políticas de inclusão e pertencem a grupos historicamente marginalizados, como pessoas trans e adultos em retomada de estudos, frequentemente apresentam dificuldades com ferramentas digitais básicas, como editores de texto, navegação em plataformas acadêmicas e gerenciamento de e-mails. Em um estudo realizado com estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade social, Peres et al. (2021) identificaram que grande parte dos ingressantes não dominava recursos tecnológicos fundamentais para acompanhar o ensino remoto ou utilizar ambientes institucionais, revelando uma lacuna formativa que exige ações pedagógicas direcionadas ao letramento digital [Peres et al. 2021].

A inserção desses estudantes em ambientes virtuais institucionais demanda não apenas conectividade, mas também compreensão do funcionamento de sistemas acadêmicos, editores de texto, navegadores e plataformas colaborativas. A lacuna entre o conhecimento exigido e o repertório prévio compromete a autonomia acadêmica e pode resultar em processos de exclusão silenciosa. Esse cenário evidencia a necessidade de ações pedagógicas intencionais que promovam o letramento digital desde o ingresso no ensino superior.

Grupos vinculados ao Programa de Educação Tutorial (PET) têm desenvolvido ações pedagógicas voltadas à formação complementar de estudantes universitários em contextos de vulnerabilidade social. Essas iniciativas, fundamentadas na articulação entre ensino, pesquisa e práticas colaborativas, buscam promover a permanência estudantil por meio do fortalecimento das competências digitais necessárias ao cotidiano acadêmico [Oliveira and Santos 2023]. A atuação entre pares, com mediação ativa de estudantes tutores, constitui uma estratégia de aproximação entre linguagem, repertórios e demandas específicas do público atendido, criando ambientes de aprendizagem mais acessíveis e responsivos às realidades dos participantes.

Para enfrentar os desafios identificados, foi desenvolvido um curso de letramento digital voltado a estudantes da graduação com dificuldades no uso das tecnologias exigidas no contexto acadêmico. A ação foi conduzida por um grupo PET, cuja atuação tem se voltado à promoção da permanência estudantil por meio de práticas colaborativas de ensino. A proposta formativa envolveu a mediação entre pares, apoio contínuo, conteúdos acessíveis e foco nas ferramentas utilizadas no cotidiano universitário. A atividade buscou reduzir desigualdades no acesso às TDICs e ampliar a autonomia das participantes frente às demandas institucionais.

Este artigo apresenta e discute a experiência desenvolvida, considerando seus fundamentos pedagógicos, resultados e aprendizados. A Seção 2 revisa trabalhos relacionados e posiciona a proposta frente a iniciativas similares. A Seção 3 detalha o contexto institucional, o público atendido e a organização do curso. A Seção 4 analisa os dados obtidos por meio dos instrumentos aplicados. Por fim, a Seção 5 apresenta as reflexões

finais, apontando limites e possibilidades de continuidade da ação.

2. Trabalhos Relacionados

A permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade no ensino superior tem motivado a proposição de iniciativas que integram inclusão digital e apoio pedagógico. A literatura evidencia que o domínio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) é um requisito para a participação plena na vida acadêmica e que a ausência desse domínio está associada a processos silenciosos de exclusão [Müller and Silva 2023, Brito 2024]. O presente levantamento de trabalhos considera propostas realizadas em universidades públicas brasileiras entre 2020 e 2024, com foco em ações formativas e estruturais voltadas a estudantes atendidos por políticas de assistência. Esta revisão orienta a construção metodológica do curso relatado neste artigo, especialmente no que tange à articulação entre mediação pedagógica, suporte técnico e valorização da experiência discente.

Na Universidade Estadual de Londrina, foi realizada uma ação voltada à distribuição de notebooks e pacotes de dados para estudantes assistidos. A análise identificou que a ausência de formação paralela comprometeu a apropriação das plataformas institucionais e que parte dos estudantes manteve baixa autonomia no uso das ferramentas digitais [Müller and Silva 2023].

Na Universidade Federal do Ceará, uma pesquisa de mestrado acompanhou estudantes atendidos pela assistência estudantil e mapeou dificuldades relacionadas ao uso de editores de texto, navegadores, plataformas de ensino e e-mail institucional. O trabalho apontou a importância de propostas didáticas específicas para formação digital básica, alinhadas ao contexto universitário e às demandas curriculares [Brito 2024].

Na Universidade de Brasília, foi desenvolvido um modelo de apoio que envolveu oficinas práticas, tutoria entre pares e mediação pedagógica articulada a setores acadêmicos e técnicos. O modelo se mostrou promissor ao promover engajamento dos estudantes e apropriação gradual das TDICs [Rocha 2023].

Um levantamento nacional de experiências em comunidades periféricas brasileiras identificou que políticas públicas centradas apenas na distribuição de infraestrutura não promovem inclusão digital plena. O estudo apontou a importância de diagnósticos prévios e da participação discente no planejamento das ações como formas de garantir aderência e sustentabilidade [Gomes and Mendonça 2023].

No campus da UFC em Quixadá, a ação PET-Recebe apresentou a estrutura acadêmica e os recursos institucionais a estudantes do ensino médio, com atenção à apresentação de ferramentas digitais e canais de apoio institucional. A iniciativa contribuiu para a redução da ansiedade digital e ampliou o interesse por cursos na área de tecnologia [Alves and Silva 2023].

A Tabela 1 apresenta uma síntese dos critérios identificados nos estudos revisados e propõe recomendações metodológicas que orientaram a concepção da proposta relatada neste artigo. Os critérios apresentados fundamentam a proposta pedagógica do curso descrito nas próximas seções, que busca integrar formação digital, escuta ativa e apoio institucional como estratégias articuladas de permanência.

Tabela 1. Critérios identificados na literatura e recomendações para ações em TDICs.

Critério	Exemplos nos estudos revisados	Recomendações para o presente trabalho
Infraestrutura e conectividade	Acesso limitado a equipamentos e rede compromete a participação em ambientes virtuais [Müller and Silva 2023]	Acesso garantido deve ser acompanhado de apoio técnico e pedagógico
Letramento digital básico	Estudantes não dominam ferramentas de comunicação e produção textual [Brito 2024]	Oficinas com foco no uso acadêmico real das tecnologias
Mediação pedagógica	Tutoria entre pares favorece a construção de vínculos e aprendizagem situada [Rocha 2023]	Formação entre pares com acolhimento e escuta ativa
Diagnóstico prévio e adaptação	Políticas universais não consideram realidades locais [Gomes and Mendonça 2023]	Aplicação de sondagens para adaptar os conteúdos ao público
Ambientação institucional	Visitas guiadas e apresentação de recursos reduzem insegurança no uso das TDICs [Alves and Silva 2023]	Inserção das participantes em rotinas e plataformas institucionais desde o início do curso

3. Metodologia

Esta seção apresenta o planejamento, a estrutura didático-pedagógica e os procedimentos metodológicos adotados no curso *Inclusão Digital e Diversidade na UFPel*, desenvolvido pelo PET Computação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com foco na formação digital de estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

A proposta formativa foi construída com base em cinco critérios extraídos da literatura sobre inclusão digital no ensino superior: (i) articulação entre infraestrutura e formação; (ii) desenvolvimento do letramento digital em contextos situados; (iii) mediação pedagógica entre pares; (iv) diagnóstico prévio de necessidades; e (v) ambientação institucional. Cada um desses critérios foi considerado nas decisões metodológicas do curso, buscando assegurar sua pertinência pedagógica e efetividade na promoção da autonomia estudantil [Müller and Silva 2023, Brito 2024, Rocha 2023, Gomes and Mendonça 2023, Alves and Silva 2023].

3.1. Organização da Equipe e Planejamento Coletivo

O curso foi desenvolvido e ministrado por estudantes de graduação dos cursos de Ciência da Computação e Engenharia de Computação da UFPel, membros ativos do PET Computação. A organização pedagógica adotou o modelo de mediação entre pares, em que cada aula era conduzida por uma dupla de mediadores, enquanto os demais integrantes atuavam como monitores, oferecendo suporte técnico e pedagógico individualizado às participantes. Essa estratégia seguiu as recomendações de Rocha [Rocha 2023], que destaca o potencial formativo do ensino entre pares em contextos de inclusão.

O planejamento das aulas foi realizado ao longo de oito semanas de encontros preparatórios. As reuniões semanais ocorreram com a mediação de uma pedagoga do Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente da universidade, assegurando a articulação entre os conteúdos técnicos e os princípios pedagógicos de acessibilidade, acolhimento e linguagem clara.

Para cada aula, o grupo produziu coletivamente os seguintes materiais: (i) apresentação em slides, com imagens, tópicos e exemplos; (ii) apostila com o conteúdo escrito e exercícios práticos; (iii) gabarito com explicações; e (iv) tutoriais complementares, incluindo vídeos curtos e infográficos. A produção foi realizada com o uso de ferramentas gratuitas, como Google Docs, garantindo que os próprios estudantes pudessem replicar ou modificar os materiais futuramente.

3.2. Diagnóstico Inicial e Estrutura Curricular

Antes do início das aulas, foi aplicado um questionário de sondagem para mapear o repertório digital prévio das participantes. O instrumento continha perguntas objetivas e abertas sobre o uso de computadores, acesso à internet, familiaridade com ferramentas de edição de texto, navegação, e-mail, plataformas institucionais e organização de arquivos. Essa etapa foi fundamental para adaptar a carga de conteúdos e a linguagem utilizada durante as aulas, conforme orientado por Gomes e Mendonça [Gomes and Mendonça 2023].

A estrutura curricular foi planejada para contemplar tanto aspectos técnicos quanto pedagógicos do uso das tecnologias digitais no cotidiano universitário. Os conteúdos priorizaram ferramentas e situações recorrentes nos cursos de graduação, com ênfase na realização de tarefas acadêmicas, comunicação institucional e organização pessoal.

Os objetivos pedagógicos do curso foram organizados em treze tópicos centrais, listados na Tabela 2, orientando a elaboração dos materiais didáticos e a condução das atividades em sala.

Tabela 2. Objetivos Pedagógicos do Curso

Objetivos Pedagógicos
1. Compreender os conceitos de Software e Hardware
2. Reconhecer diferentes tipos de computadores e dispositivos
3. Adquirir vocabulário técnico relacionado às tecnologias digitais
4. Entender o funcionamento básico de um computador
5. Identificar conexões físicas e lógicas em dispositivos
6. Compreender a lógica de funcionamento dos sistemas operacionais Windows e Linux
7. Organizar e manipular arquivos e pastas em ambientes digitais
8. Utilizar navegadores para acessar e pesquisar conteúdos na internet
9. Reconhecer formatos de arquivos e realizar conversões entre eles
10. Aplicar estratégias de busca com palavras-chave relevantes
11. Criar e utilizar contas de e-mail com diferentes domínios
12. Utilizar ferramentas de produtividade (Google Docs, Planilhas, Slides)
13. Acessar plataformas acadêmicas institucionais e utilizar seus recursos

3.3. Cronograma e Conteúdos das Aulas

O curso foi estruturado em oito encontros presenciais, com duração de duas horas cada, totalizando uma carga horária de 16 horas. O planejamento dos conteúdos seguiu uma progressão gradual, iniciando com familiarização e ambientação institucional, avançando para conteúdos técnicos e finalizando com o uso das plataformas acadêmicas. A Tabela 3 apresenta o cronograma temático.

Tabela 3. Cronograma Temático do Curso

Semana	Conteúdos Abordados
1	Introdução ao curso, diagnóstico inicial, ambientação institucional e apresentação da equipe e cronograma
2	Conceitos de hardware: dispositivos fixos e móveis, conexões (USB, HDMI, energia, áudio), montagem e funcionamento de computadores
3	Introdução aos sistemas operacionais: diferenças e semelhanças entre Windows e Linux, operações básicas de navegação e personalização
4	Navegadores, provedores de e-mail, tipos de arquivos, uso de PDFs, organização e conversão de arquivos
5	Google Drive e Google Docs: criação, edição, organização, exportação e compartilhamento de documentos
6	Google Planilhas e Google Slides: construção de planilhas básicas, fórmulas simples, criação de apresentações e formatação de conteúdo
7	Plataforma de ensino institucional: acesso às disciplinas, download de materiais, submissão de atividades, visualização de notas
8	Sistema acadêmico da universidade: consulta a histórico, matrículas, certificados e dados pessoais

Os encontros foram planejados para manter equilíbrio entre explicações teóricas, demonstrações práticas e atividades realizadas em duplas. Cada aula contou com material de apoio previamente disponibilizado no repositório do curso, além de exercícios aplicados em tempo real com o suporte de monitores.

3.4. Recursos, Materiais Didáticos e Acompanhamento

Todos os materiais do curso foram elaborados coletivamente pelas duplas de mediadores, revisados em reuniões com a equipe pedagógica e disponibilizados em um repositório virtual hospedado na plataforma de projetos da universidade. Esse ambiente centralizou os slides de apresentação, apostilas em PDF, gabaritos, tutoriais complementares e links para vídeos explicativos.

A curadoria dos materiais priorizou a linguagem acessível, o uso de exemplos cotidianos do ambiente universitário e a aplicação prática imediata dos conteúdos. Além disso, buscou-se garantir que os materiais fossem reutilizáveis por outros estudantes, em contextos similares ou para fins de autoformação.

Durante a execução do curso, cada encontro foi acompanhado por pelo menos dois membros do PET não envolvidos diretamente na mediação. Esses observadores registravam aspectos como participação, dúvidas frequentes, dificuldades técnicas e sugestões espontâneas das participantes. As informações coletadas eram discutidas nas reuniões de alinhamento semanais, permitindo o ajuste de conteúdos, reformulação de materiais e criação de novos recursos de apoio, sempre que necessário.

Ao final de cada aula, era aplicada uma ficha de devolutiva rápida, com questões objetivas e espaço para comentários. Esse instrumento serviu como termômetro para aferir o nível de compreensão dos temas trabalhados e coletar sugestões de melhoria. O conjunto dessas ações visou garantir a coerência entre o planejamento e a realidade das estudantes atendidas, mantendo o curso responsável e adaptável.

4. Resultados

Esta seção apresenta os resultados obtidos com a aplicação do curso *Inclusão Digital e Diversidade na UFPel*, com base em instrumentos de avaliação formativa, devolutivas das participantes e observações realizadas pela equipe pedagógica. A Figura 1 ilustra momentos da execução do curso. Os dados foram organizados em três categorias principais: (i) perfil das participantes; (ii) apropriação dos conteúdos e percepção do curso; e (iii) dificuldades relatadas e sugestões de melhoria. A análise dos dados buscou verificar a aderência da proposta aos critérios metodológicos definidos e sua contribuição para o letramento digital no contexto universitário.



Figura 1. Registros da execução do curso *Inclusão Digital e Diversidade na UFPel*

4.1. Perfil das Participantes

O curso contou com a participação de 16 estudantes de graduação regularmente matriculadas em cursos presenciais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Todas as participantes estavam vinculadas a programas de assistência estudantil da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) no momento da inscrição.

A maioria das estudantes (13 participantes) se identificou como mulheres cisgênero, duas como mulheres trans e uma como pessoa não binária. Onze participantes declararam ter renda familiar de até um salário mínimo por pessoa e treze relataram ser as primeiras da família a ingressar no ensino superior. Em relação ao ingresso, nove participantes haviam entrado por meio do sistema de cotas e dez estavam cursando os dois primeiros semestres da graduação.

No que diz respeito ao acesso a equipamentos e conectividade, seis estudantes informaram utilizar exclusivamente o celular para realizar atividades acadêmicas. Apenas cinco relataram ter acesso a um computador próprio com conexão estável à internet. Os dados confirmam a relevância de estratégias que associem formação digital com apoio técnico e pedagógico, conforme destacado por Müller et al. [Müller and Silva 2023] e Brito [Brito 2024].

4.2. Apropriação dos Conteúdos e Percepção do Curso

Ao final do curso, foi aplicado um formulário de avaliação com 12 questões, das quais oito eram objetivas (escala Likert) e quatro abertas. Os resultados indicaram que todas as participantes consideraram o curso útil para sua rotina acadêmica. Quinze estudantes relataram aumento significativo de segurança no uso das plataformas institucionais, especialmente no que diz respeito ao envio de atividades, uso do e-mail institucional e consulta de notas.

Em relação às ferramentas do Google, treze participantes afirmaram que não haviam utilizado anteriormente os recursos de planilhas e apresentações. Após os encontros dedicados a esses temas, todas conseguiram realizar tarefas básicas com autonomia, como formatar textos, criar tabelas, aplicar fórmulas simples e exportar arquivos em PDF.

O módulo sobre sistemas operacionais (Linux e Windows) foi citado como um dos mais desafiadores. Apesar disso, 11 participantes afirmaram ter compreendido os conceitos após a mediação com tutoriais visuais e exercícios guiados. As atividades práticas foram apontadas como fator central para a consolidação do aprendizado.

No que diz respeito ao ambiente de aprendizagem, todas as participantes avaliaram positivamente a dinâmica entre mediadores e monitores. A presença constante de apoio técnico foi mencionada como um diferencial do curso. O uso de linguagem acessível, o acolhimento e a paciência dos tutores foram destacados como pontos fortes nas respostas abertas.

Os dados indicam que a combinação entre mediação entre pares, contextualização dos conteúdos e oferta de materiais reutilizáveis promoveu um ambiente de aprendizagem acessível e responsivo às demandas do grupo.

4.3. Dificuldades Relatadas e Sugestões de Melhoria

Ao longo do curso, foram identificados alguns pontos de tensão que exigiram adaptações na condução das aulas. As dificuldades mais recorrentes estiveram associadas à heterogeneidade no domínio prévio das tecnologias e ao uso exclusivo de dispositivos móveis por parte de algumas participantes.

Na segunda e terceira semanas, foi necessário adaptar os exercícios de navegação e manipulação de arquivos para celulares, já que seis estudantes não possuíam notebook. Essa limitação comprometeu a execução de atividades que exigiam múltiplas janelas ou manipulação simultânea de arquivos. Como resposta, os monitores elaboraram versões simplificadas dos tutoriais com foco no uso em smartphones, o que viabilizou a participação de todas.

As atividades envolvendo planilhas foram apontadas como as mais desafiadoras. Sete estudantes relataram dificuldades para compreender fórmulas básicas e manipular células. Esse retorno levou a equipe a reorganizar a aula seguinte, com foco maior em demonstrações passo a passo e exercícios mais curtos, acompanhados em tempo real com apoio direto dos monitores.

As sugestões de melhoria, obtidas por meio das respostas abertas, concentraram-se em dois aspectos principais: (i) ampliação da carga horária, com mais tempo para explorar alguns conteúdos; e (ii) oferta de encontros adicionais para revisão prática ao

final do curso. Algumas participantes também sugeriram que o curso fosse replicado nos períodos de acolhimento institucional, de modo que ingressantes pudessem se ambientar às plataformas e ferramentas desde o início da graduação.

As dificuldades relatadas e as sugestões espontâneas reforçam a importância de propostas adaptáveis, com acompanhamento contínuo e abertura para ajustes, conforme previsto nos critérios de diagnóstico e responsividade discutidos na literatura [Gomes and Mendonça 2023, Rocha 2023].

4.4. Síntese Analítica dos Resultados

Os resultados obtidos ao longo da implementação do curso indicam que os critérios metodológicos definidos inicialmente foram atendidos de maneira coerente. A utilização de diagnóstico prévio permitiu ajustar os conteúdos à realidade do grupo, favorecendo uma aprendizagem situada. A mediação entre pares contribuiu para a criação de um ambiente horizontal e acolhedor, no qual as dúvidas foram tratadas com escuta ativa e paciência, aspecto reiterado em praticamente todas as devolutivas qualitativas.

A produção colaborativa dos materiais, aliada à disponibilização pública dos recursos, garantiu que o acesso ao conteúdo se mantivesse mesmo após o encerramento das aulas. Esse aspecto reforça o potencial de reusabilidade e expansão da proposta em edições futuras, atendendo também às recomendações da literatura quanto à sustentabilidade e continuidade de ações formativas [Brito 2024, Alves and Silva 2023].

As adaptações realizadas em resposta às dificuldades das participantes demonstram que o acompanhamento constante e a abertura a ajustes foram elementos-chave para manter a relevância do curso. A heterogeneidade do grupo, longe de ser um obstáculo, foi compreendida como referência para replanejamento e diversificação das estratégias de mediação.

De modo geral, a proposta alcançou seus objetivos pedagógicos centrais, ampliando o repertório digital das participantes, promovendo autonomia na realização de tarefas acadêmicas e fortalecendo vínculos com o ambiente universitário. Os resultados evidenciam que ações estruturadas com base em escuta, contexto e suporte contínuo podem contribuir de forma significativa para a permanência de estudantes em situação de vulnerabilidade no ensino superior.

5. Conclusão

Este artigo apresentou e analisou a proposta do curso *Inclusão Digital e Diversidade na UFPel*, desenvolvido pelo PET Computação da UFPel, como resposta concreta às dificuldades enfrentadas por estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no contexto universitário.

A experiência permitiu verificar que, entre os fatores que influenciam a permanência estudantil, a autonomia digital ocupa lugar central. Ao adotar uma metodologia baseada em mediação entre pares, escuta ativa e construção coletiva de materiais, o curso promoveu o desenvolvimento de competências técnicas e o fortalecimento do vínculo com o ambiente acadêmico. As avaliações revelaram não apenas ganhos objetivos de aprendizagem, mas também aumento da confiança das participantes no uso das plataformas institucionais e ferramentas digitais.

Os dados obtidos indicam que propostas desse tipo devem integrar as políticas de acolhimento e permanência, articulando ações pedagógicas, apoio técnico e políticas de cuidado. O curso demonstrou que iniciativas simples, quando planejadas com atenção às realidades dos estudantes, podem impactar de forma significativa sua trajetória acadêmica.

A continuidade dessa proposta, com adaptações baseadas nas sugestões das participantes, aponta para a possibilidade de institucionalização de ações formativas regulares voltadas ao letramento digital. Tais ações não apenas ampliam o acesso às ferramentas, mas contribuem para consolidar uma cultura universitária mais inclusiva, acolhedora e tecnicamente preparada.

Entre aprender e permanecer, esse percurso formativo revelou que a inclusão digital, quando pensada a partir do cotidiano dos estudantes e mediada por pares, pode ser um caminho potente para a permanência no ensino superior.

Referências

Alves, L. and Silva, C. (2023). Pet-recebe: uma experiência de aproximação entre escola pública e ensino superior na área de ti. In *Anais do Workshop de Informática na Educação (WIE)*.

Brito, R. M. G. (2024). Inclusão digital e permanência estudantil: um estudo na universidade federal do ceará. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará.

Cazeloto, E. (2019). *Inclusão digital: uma visão crítica*. Editora Senac São Paulo.

CGI.br, C. G. d. I. n. B. (2023). Tic domicílios 2023 - principais resultados. <https://cetic.br/pt/tics/domiciliros/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

Gomes, J. and Mendonça, R. (2023). Inclusão digital e vulnerabilidade social: uma análise crítica das políticas públicas no brasil. <https://www.lacnic.net/innovaportal/file/7215/1/versao-final-gomes-mendonca.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

Müller, L. and Silva, P. (2023). Inclusão digital no ensino superior: desafios e políticas de assistência estudantil. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 18(esp.3):1234–1252.

Oliveira, P. and Santos, A. (2023). Integração, inovação e inclusão: a contribuição do pet computação da ufpel. In *Anais do Workshop sobre Educação em Computação (WEI)*, pages 1–10. SBC.

Peres, E., Lima, D., and Costa, M. (2021). Inclusão digital e ensino remoto: um estudo com estudantes em vulnerabilidade social no ensino superior. *Revista Brasileira de Informática na Educação (RBIE)*, 29(1):123–145.

Rocha, M. J. M. d. (2023). Tdics e permanência estudantil na unb: políticas e práticas em análise. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.